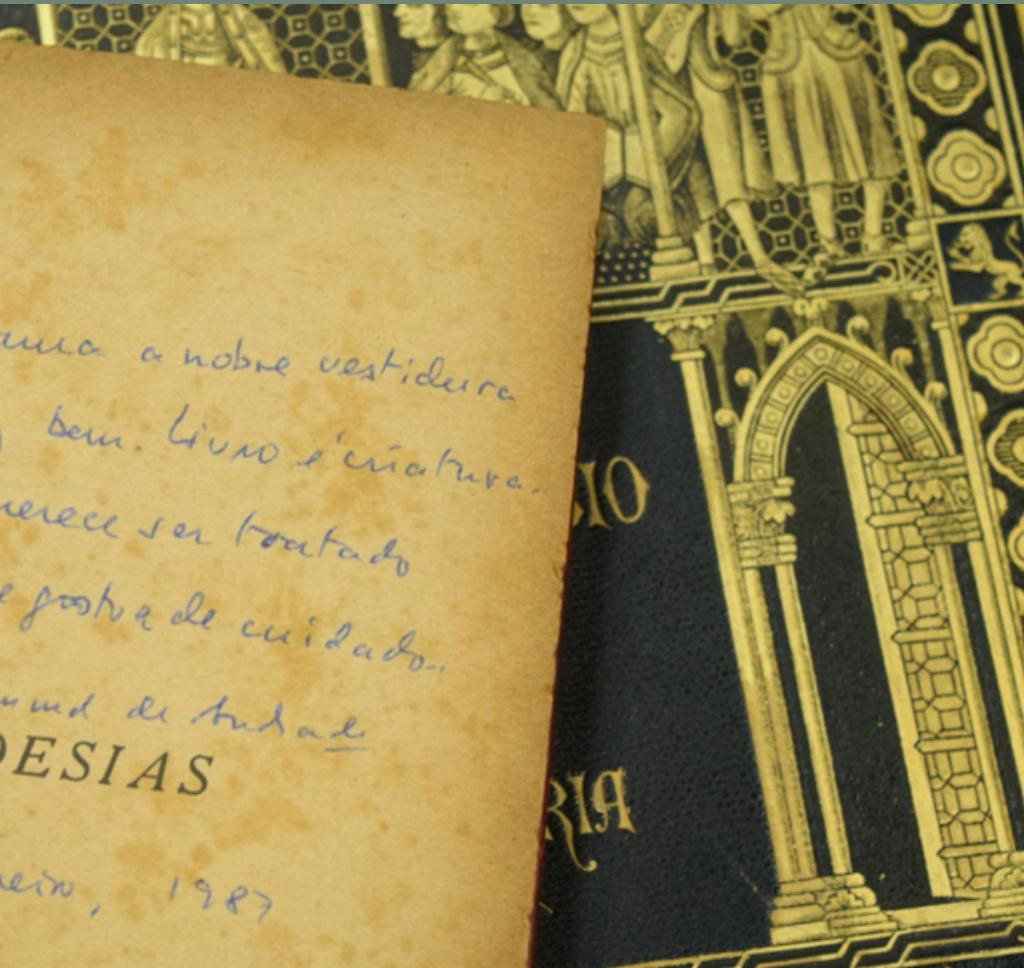


CAÇADORA DE EX-LÍBRIS



Sob a pele dos livros da Coleção Celso Cunha

Rosângela Coutinho



CAÇADORA DE EX-LÍBRIS
SÉRIE BIBLIOTECAS, V. 13

Sob a pele dos livros da Coleção Celso Cunha

Rosângela Coutinho

ENTREVISTA, ORGANIZAÇÃO E NOTAS:
MARY KOMATSU

Rio de Janeiro
2025

**Caçadora de Ex-líbris
Série Bibliotecas, v. 13
Rio de Janeiro
2025**

Capa: Reprodução de imagens de livros da coleção Celso Cunha.

Diagramação: Mary Komatsu

Ficha catalográfica por Juliana Borges Cid Taboada - CRB7/6661

C871 Coutinho, Rosângela.

Sob a pele dos livros da Coleção Celso Cunha. / Rosângela Coutinho.

Entrevista, organização e notas Mary Komatsu. - Rio de Janeiro: Canal Caçadora de Ex-líbris, 2025. (Série Bibliotecas, 13).

50 p. il color.

Inclui bibliografia.

Disponível em: cacadadeexlibris.com

ISBN: 978-65-01-85989-7

1. Ex-libris. 2. Colecionismo. 3. Cunha, Celso (1917-1989).

I. Coutinho, Rosângela . II. Komatsu, Mary. III. Título.

CDD 097



Este trabalho está licenciado com uma
Licença Creative Commons - Atribuição-
Compartilhamento 4.0 Internacional.

Sumário

Introdução.....	05
Sobre a autora.....	07
Capítulo 1 – Vida e Obra de Celso Cunha.....	08
• Linha do tempo.....	09
• Celso Ferreira da Cunha (1917-1989).....	12
Capítulo 2 – Coleção Celso Cunha.....	15
Capítulo 3 – Marcas de Proveniência da Coleção Celso Cunha.....	19
• Análise preliminar.....	21
• Ex-libris identificados.....	26
• Novas descobertas ex-libristas.....	35
• As dedicatórias como fonte histórica.....	43
• Anotações, marcas de leitura e outras proveniências.....	45
Conclusão.....	47
Referências.....	49

INTRODUÇÃO

Este e-book é fruto da live de mesmo título, realizada em 9 de dezembro de 2021 no canal Caçadora de Ex-líbris, no YouTube, com a participação de Rosângela Coutinho.

A publicação apresenta a Coleção Celso Cunha, pertencente à Biblioteca José de Alencar da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), destacando algumas marcas de proveniência desse acervo que integram uma pesquisa de doutorado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas da UFRJ (PPGLEN).

Além da Coleção Celso Cunha a Biblioteca José de Alencar possui outras coleções como a Coleção Afrânio Coutinho voltada à Literatura e Crítica Literária e o Museu de Língua e Literatura, que reúne exemplares raros, primeiras edições, obras autografadas e livros com edições esgotadas com o objetivo de garantir melhor acondicionamento e preservação. O museu foi idealizado pelo professor Afrânio Coutinho quando atuou como diretor pró-tempore da Faculdade de Letras, aqui se apresenta apenas a Coleção Celso Cunha.

Em 1991 a UFRJ adquiriu a Coleção Celso Cunha por compra. O acervo é especializado nas áreas de Filologia, Linguística, Medievalismo (Lírica Medieval), Dialectologia e Literatura, com obras dos séculos XVI ao XX, e com recorte temporal de 1533 a 1989.

Era caracterizada pelo professor Celso Cunha como uma biblioteca funcional e representativa de seus interesses, de suas preferências de estudo e pesquisa. No entanto, obedecendo ao critério de ser centralizada em um determinado assunto, o que não impedia a diversificação de temas em obras presentes, mas reunida dentro de uma grande área que é o campo das Letras.

Foi inaugurada em 1994 para atender a uma exigência do ministério da educação que liberou a verba para sua aquisição pela universidade e aberta ao público em 1995.

Assista à live completa no canal Caçadora de Ex-líbris [clicando aqui](#)

Mary Komatsu
Caçadora de Ex-líbris

SOBRE A AUTORA

Rosângela Coutinho

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestre em Conservação e Preservação do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde pela Casa de Oswaldo Cruz (COC/FIOCRUZ). Atua como bibliotecária na Faculdade de Letras da UFRJ. É membro do Laboratório de Estudos Filológicos (LabEFil/UFRJ), Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Patrimônio Bibliográfico e Documental e Membro do Comitê de Obras Raras e Coleções Especiais do Sistema de Bibliotecas e Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (SiBI/UFRJ). Integra a Rede de Bibliotecas de Artes do Rio de Janeiro (REDARTE/RJ).



rosangelacoutinho@letras.ufrj.br



Capítulo I

Vida e obra de Celso Cunha



LINHA DO TEMPO

1917 – Nasce em 10 de maio, em Teófilo Otoni (MG).

1921 – Muda-se para o Rio de Janeiro, onde viverá toda a vida.

1935 – Inicia a vida docente aos 17 anos, no Colégio Pedro II como professor contratado.

1938 – Gradua-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil (atual UFRJ).

1939 – Professor concursado de Português do Colégio Pedro II.

1940 – Licencia-se em Letras Clássicas pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil.

1942 – Casase com Cinira Figueiredo, com quem terá 5 filhas.

1952 – Torna-se Professor Catedrático de Língua Portuguesa do Colégio Pedro II, sucedendo Antenor Nascentes.

1956 – Recebe o Prêmio José Veríssimo (ABL), pelo estudo O Cancioneiro de Martin Codax. Torna-se Diretor da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

1957 – Assume a cátedra de Língua Portuguesa na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, sucedendo Sousa da Silveira.

1958 – Recebe o Prêmio Paula Brito – O Homem Público e o Livro – da Prefeitura do antigo Distrito Federal.

1959 – Recebe o título de Doutor *Honoris Causa* pela Universidade de Granada (Espanha).

Décadas de 1960–1980 – Atua como:

- Decano do Centro de Letras e Artes (UFRJ)
- Chefe do Departamento de Letras Vernáculas
- Sub-reitor em diferentes áreas da UFRJ
- Diretor da Biblioteca Nacional
- Membro do Conselho Federal de Educação
- Secretário- geral de Educação e Cultura do Estado da Guanabara.

1952–1983 – Também leciona no exterior, incluindo a Sorbonne (Paris) e a Universidade de Colônia (Alemanha).

1983 – Recebe o Prêmio Moinho Santista de Filologia, pelo conjunto da obra.

Décadas de 1950–1980 – Recebe condecorações no Brasil, França, Portugal, Espanha e Itália, firmando-se como um dos maiores filólogos da língua portuguesa.

1989 – Falece no Rio de Janeiro, em 14 de abril.

1990–2000 (legado póstumo) – É homenageado com exposições, salas e publicações, e sua biblioteca é reconhecida como um dos acervos particulares mais importantes do país.



Celso Ferreira da Cunha (1917-1989)



Celso Ferreira da Cunha (1917–1989) nasceu em Teófilo Otoni (MG) e construiu sua trajetória no Rio de Janeiro. Graduou-se em Direito e em Letras Clássicas, iniciando a carreira docente aos 17 anos no Colégio Pedro II, onde mais tarde se tornou professor catedrático de Língua Portuguesa. Também ocupou a cátedra de Língua Portuguesa na Faculdade Nacional de Filosofia. Tornando-se emérito do Colégio Pedro II em 1980 e sete anos depois, emérito na Faculdade de Letras da UFRJ.

Ao longo de quase quatro décadas, atuou na UFRJ como professor, chefe de departamento, decano do Centro de Letras e Artes e em diversas sub-reitorias. Defendia a criação de um Instituto de Patologia do Livro nos moldes dos que existiam em Roma e Madri na UFRJ, para preservação e restauração de livros. Sua carreira ultrapassou a universidade, incluindo cargos como Diretor da Biblioteca Nacional, Secretário de Educação e Cultura do Estado da Guanabara e participação em conselhos federais de educação e cultura.

Sua produção acadêmica se destacou em três áreas: filologia, linguística e didática, com contribuições importantes para o estudo da lírica medieval, da norma e do ensino da língua portuguesa. Publicou obras de referência, coordenou projetos relevantes e recebeu prêmios, títulos e condecorações nacionais e internacionais, incluindo Doutor Honoris Causa pela Universidade de Granada.

Bibliófilo dedicado, constituiu uma biblioteca monumental, hoje incorporada à UFRJ, deixando um legado duradouro na filologia e nos estudos da língua portuguesa, além de fazer parte da memória de gerações de alunos e pesquisadores.



Mobiliário da Coleção Professor Celso Cunha.



Capítulo 2

Coleção Celso Cunha



COLEÇÃO CELSO CUNHA

A Coleção Celso Cunha é um acervo de grande relevância acadêmica, adquirido pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em 26 de julho de 1991, pelo valor de US\$ 550.000,00. Originalmente pertencente ao professor Celso Cunha, renomado filólogo e estudioso das letras, a coleção reúne livros, periódicos, separatas, folhetos, manuscritos, medalhas, diplomas, condecorações, prêmios, fotos e outros objetos que documentam a trajetória acadêmica e intelectual do professor.

O objetivo da aquisição foi proporcionar à comunidade universitária acesso a um material bibliográfico altamente especializado nas áreas de Filologia, Linguística, Medievalismo (com ênfase em lírica medieval), Dialectologia e Literatura. O valor do acervo se destaca não apenas pela raridade e originalidade das obras, mas também pelo cuidado nas encadernações e na preservação do material, tornando-o um recurso fundamental para pesquisas acadêmicas de grande profundidade na área de Letras.



Reprodução do gabinete do professor Celso Cunha



As negociações para a aquisição começaram em novembro de 1990, com a aprovação do interesse da Faculdade de Letras da UFRJ em reunião de sua congregação e a anuênciam da viúva do professor, Cinira Ferreira da Cunha em vender a biblioteca a UFRJ. Outras instituições, como a Universidade da Califórnia, em Berkeley, e a UNICAMP, também demonstraram interesse, mas a UFRJ garantiu a compra, preservando a integridade da coleção em espaço próprio que reproduziria a ordenação originária dos livros da biblioteca do professor. Bem como, o desejo manifestado em vida, por Celso Cunha, a familiares que o acervo ficasse na UFRJ que foi respeitado pela família dele.

Após a aquisição, foi constituída uma comissão para organizar e instalar a biblioteca na Faculdade de Letras, reconstituindo o ambiente de trabalho do professor Celso Cunha tal como era em sua residência. O processo incluiu a criação de um número de registro automatizado pelo Núcleo de Computação Eletrônica da UFRJ para patrimonialização do acervo pela instituição e a manutenção da ordem originária das publicações, e o transporte supervisionado pela empresa Collecta.

A Sala Professor Celso Cunha foi inaugurada em 22 de novembro de 1994 e aberta ao público em 13 de novembro de 1995. Desde então, o acervo tem servido como referência indispensável para pesquisadores, oferecendo acesso a exemplares originais e únicos de obras raras. Um exemplo de sua importância foi destacado por um pesquisador que encontrou na coleção o tratado *Nova Arte de Conceitos*, de Francisco Leitão Ferreira, considerado o tratado mais completo em língua portuguesa sobre literatura dos séculos XVII e XVIII, e cuja consulta no Brasil só é possível graças ao acervo de Celso Cunha.

Atualmente, a coleção integra as coleções especiais da Biblioteca José de Alencar, uma das maiores bibliotecas de Letras da América Latina, com mais de 512 mil títulos e mais de 922 mil volumes. Originalmente com cerca de 25.000 volumes, hoje a Coleção Celso Cunha conta com aproximadamente 22.000 títulos entre livros, periódicos, separatas, folhetos e manuscritos, além de objetos pessoais e acadêmicos, como medalhas, prêmios, fotos, mobiliário e até uma máquina de escrever, que ilustram a trajetória do professor e preservam seu legado intelectual.





Capítulo 3

Marcas de Proveniência da Coleção Celso Cunha



ha aura a nobre vestidura
e faz bem. Livro e' criatura,
e, merece ser tratado
com devida de cuidado.

Querido de todos

POESIAS

Janeiro, 1987

Marcas de Proveniência da Coleção Celso Cunha (Análise Preliminar)

Período e Dimensão da Coleção

A Coleção Celso Cunha abrange o período de 1533 a 1989 e é formada por 22.632 livros que atravessam cinco séculos de produção intelectual — do XVI ao XX. Entre esses títulos, mais de 12.000 são primeiras edições, pouco mais de 2.000 contêm anotações manuscritas e mais de 3.000 trazem dedicatórias. Trata-se de um acervo raro no campo das Letras e de grande relevância para a memória bibliográfica brasileira.

Reflexo da Trajetória Intelectual

A coleção reflete a carreira de Celso Cunha como acadêmico, pesquisador, educador e agente público em defesa da língua portuguesa. Carregada de sua subjetividade, ela permite reconstruir aspectos políticos, sociais, culturais e pessoais de sua vida. A manutenção da lógica original de organização — preservada tal como a do gabinete particular do filólogo — torna a coleção ainda mais reveladora, funcionando como um testemunho fragmentado de seu pensamento e de seu percurso intelectual.

A Função das Marcas de Proveniência

Ao receber obras com dedicatórias, deixar bilhetes, inserir papéis, colar etiquetas ou simplesmente sublinhar trechos, Celso Cunha estabeleceu com seus livros uma relação íntima, diferenciando cada exemplar e tornando-o único. Esses vestígios revelam laços afetivos, redes de sociabilidade, trânsitos culturais e o universo de relações do proprietário com o seu tempo.

As marcas de proveniência possibilitam conhecer melhor o acervo, a trajetória de sua formação, e de circulação, assim como, contribui para o gerenciamento, preservação, segurança, ressignificação e valoração das coleções. Além de atrair novos usuários demonstra-se como um importante recurso de difusão das bibliotecas.

Identificação das Marcas Durante o Inventário

Durante o inventário da Coleção Celso Cunha, foram encontradas diversas marcas de proveniência entendidas como fragmentos de memória: papéis avulsos com anotações, cartões de visita, cartões postais, bilhetes, cartas, fotografias, marcas de leitura, selos de livrarias, etiquetas de encadernadores, assinaturas, ex-libris, carimbos e dedicatórias. Esses elementos evidenciam a convivência silenciosa entre o leitor e seus livros, revelando hábitos, trajetórias, gostos e procedimentos de pesquisa e estudo.

É importante ressaltar que a coleção é pouco anotada e quando identificada anotações são feitas a lápis de maneira muito discretas. Por ser bibliófilo anotava pouco pois acredita que esse ato “enfeiava” os livros de sua biblioteca.

Importância das Bibliotecas Particulares

A coleção demonstra como bibliotecas particulares podem suprir lacunas históricas de acervos institucionais, sobretudo em áreas especializadas — como Letras. A Biblioteca José de Alencar, da Faculdade de Letras da UFRJ, é exemplo claro disso, pois grande parte de seu acervo formador vem justamente de doações recebidas em um contexto de escassez de verba para a aquisição de obras.

O acervo reúne obras ligadas às funções públicas desempenhadas por Celso Cunha, às suas áreas de pesquisa e, naturalmente, às suas linhas de estudo. São livros que acompanham seus interesses e deslocamentos e que testemunham sua atuação como filólogo, educador e articulador cultural.

As Marcas como Rota Intelectual e Geográfica

As marcas de proveniência permitem traçar o itinerário intelectual e geográfico da biblioteca, identificando antigos proprietários, leitores e circuitos de circulação das obras. O estudo dessas marcas favorece pesquisas futuras, fortalece a segurança patrimonial contra extravios e enriquece o conhecimento sobre a história do livro no Brasil.

Resultados Parciais do Inventário

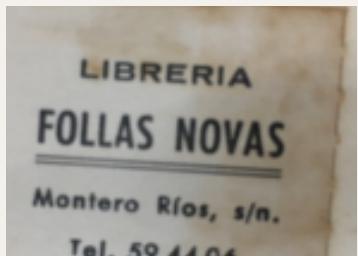
O levantamento das marcas teve início em 2017 e permanece em andamento, tendo sido interrompido pelo cenário da pandemia que acometeu o nosso país em 2020 levando ao isolamento social e a interrupção do inventário que só foi retomado em 2022. Até o momento foram identificadas: **2.011 anotações manuscritas, 619 carimbos, 671 assinaturas e 3.126 dedicatórias.** Parte do estudo também foi realizado com base em **413 livros do processo de compra** e nas obras exibidas na mostra “Celso Cunha: dez anos de saudade” (BN, 1999), que integraram o diagnóstico apresentado na dissertação “Sob a pele dos livros da Coleção Professor Celso Cunha” (2018), desta autora, defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz Fiocruz.



Escultura de Gutemberg do Prêmio Paula Brito – O Homem Público e o Livro.

Trajetória Internacional da Coleção

As etiquetas encontradas nos exemplares comprovam a circulação internacional da coleção, sobretudo em cidades onde Celso Cunha trabalhou ou viajou: Lisboa, Porto, Madri, Paris, Colônia, Santiago de Compostela, Buenos Aires, Florença, entre outras. Entre as livrarias identificadas destacam-se a Livraria Acadêmica (Porto), O Mundo do Livro (Lisboa) e a Libreria Follas Novas (Santiago de Compostela), todas marcadas por forte atuação intelectual em seus países.



Ex-libris Identificados

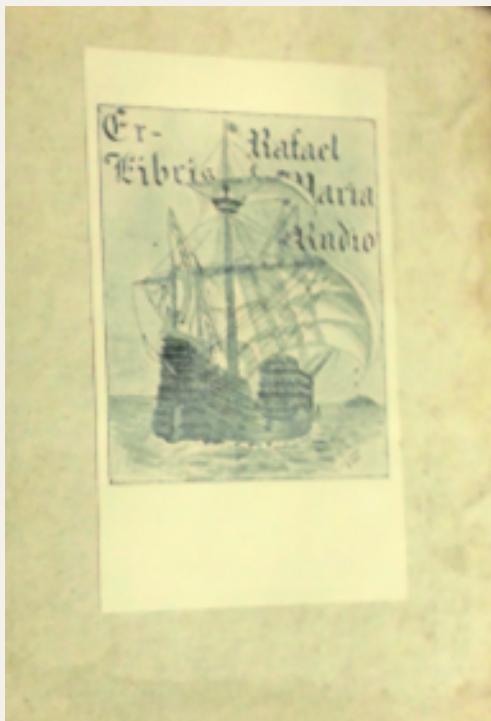
Foram localizados ex-libris de personalidades como **Ricardo Xavier da Silveira, Rafael Maria Rudio, Álvaro Simões Corrêa e Bernard Pottier**, além de um ex-libris ainda não identificado. Essas peças reforçam o caráter bibliófilo e histórico da coleção, revelando origens e percursos dos exemplares antes de chegarem às mãos de Celso Cunha, demonstrando a proveniência do acervo.

O ex-libris de **Ricardo Xavier da Silveira**, com a divisa “Attacco la mia caretta nelle stelle, MCMXXXVII” — em português, “Amarro minha carruagem às estrelas, 1937” — foi criado por Alvarus, pseudônimo do carioca Álvaro Cotrim, renomado desenhista, caricaturista, escritor, jornalista, professor e historiador da arte brasileira. Ricardo Xavier da Silveira, bibliófilo e colecionador, integrou a Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil.



Ex-libris de Ricardo Xavier da Silveira

O ex-libris do colecionador **Rafael Maria Rudio**, natural de Extremoz, em Portugal, apresenta-se sob a técnica de **fotolitografia** e traz como motivo central a imagem de um navio veleiro navegando pelo mar. A composição remete ao simbolismo das grandes navegações, evocando ideias de travessia, aventura, descoberta e movimento, metáforas frequentemente associadas ao ato de ler e ao espírito colecionista.



Ex-libris de Rafael Maria Rudio



Ex-libris de Álvaro Simões Correa

O ex-libris de **Álvaro Simões Correa** foi criado por Alberto Childe, nome adotado pelo pesquisador russo Dimitri Vonizin (1870–1950), arqueólogo e filólogo do Museu Nacional, reconhecido por seus estudos sobre a cultura egípcia.

Álvaro Simões Correa (filho do médico Francisco Simões Correa) formou-se em Medicina no início do século XX, especializou-se em pediatria em Berlim e fundou uma clínica infantil no Brasil. Dirigiu a Casa de Saúde São Sebastião, colaborou com jornais e periódicos, e presidiu a revista *Pediatria Prática*, sendo conhecido por seu bom relacionamento com o meio jornalístico.

No ex-libris, Childe utiliza símbolos do Egito Antigo para valorizar a escrita e o conhecimento. A composição mostra Thoth — deus da sabedoria, da escrita e dos escribas — cercado de livros, rolos de papiro, hieróglifos e uma caveira, que remete à efemeridade da vida e à vitória do conhecimento sobre a morte. A imagem simboliza a memória, a inteligência e o papel do leitor na preservação do saber, refletindo o propósito do próprio ex-libris.

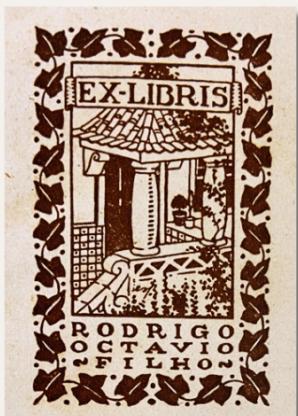


Ex-libris de Huguette e Bernard Pottier

O ex-líbris identifica a coleção bibliográfica de **Huguette e Bernard Pottier**. A presença de Bernard Pottier remete imediatamente a um dos mais notáveis linguistas franceses do século XX.

Nascido em 1924, Pottier é reconhecido como um expoente do estruturalismo e por suas vastas contribuições em múltiplas áreas da linguística, conforme as informações fornecidas. É um profundo especialista em semântica, o estudo do significado, tendo proposto a influente "semântica geral" e investigado os mecanismos mentais subjacentes à expressão linguística. Além disso, destacou-se no campo da Filologia Românica, com extensa pesquisa em língua francesa e espanhola. O seu interesse se estendeu ainda ao estudo das línguas ameríndias, área em que se tornou uma figura proeminente na França, lecionando e fundando importantes centros de pesquisa sobre o tema.

O ex-líbris em tom azul claro apresenta o nome do casal na margem inferior, a data 12. 01. 1946 (possivelmente marcando um período de formação da coleção ou da vida do casal) e um misterioso emblema central: dois caracteres que se assemelham a escrita de selo asiática (chinesa ou japonesa).



Ex-libris de Rodrigo Octávio Filho

O ex-libris de **Rodrigo Octávio Filho** foi criado pelo artista luso-brasileiro Fernando Correia Dias, um dos nomes mais importantes do design gráfico e da ilustração no Brasil nas primeiras décadas do século XX. A imagem apresenta um elegante alpendre com colunas, trepadeiras e vasos, remetendo a um espaço de recolhimento, contemplação e cultivo intelectual, metáfora da casa como abrigo do saber e, ao mesmo tempo, da biblioteca como jardim da memória.

O motivo central é enquadrado por uma moldura de folhas de hera, símbolo tradicional de fidelidade, vida perene e apego às letras, frequentemente utilizado em ex-libris de inspiração clássica. A composição, delicada e harmoniosa, revela o traço característico de Correia Dias: linhas seguras, ornamentação equilibrada e atmosfera intimista.

Rodrigo Octávio Filho (1894–1969) foi jurista, professor, diplomata e escritor brasileiro. Além da carreira jurídica, cultivava profundo apreço pela literatura e pelas artes, sendo membro da Academia Brasileira de Letras, onde ocupou a cadeira nº 35, sucedendo a Alcântara Machado. Sua biblioteca particular refletia seu interesse por temas jurídicos, históricos e culturais o que torna seu ex-libris, um símbolo de refinamento intelectual e de vínculo com o universo das letras e do pensamento.



Ex-libris AGR

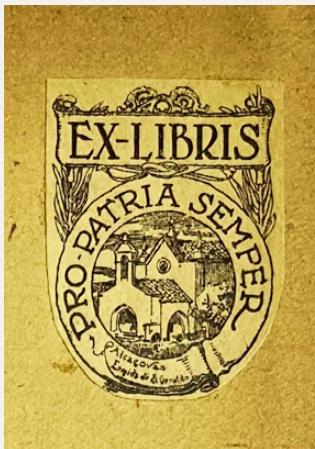
Este ex-libris, provavelmente espanhol, traz o lema “El Alfólí” e as iniciais “AGR”, que indicam o nome ou propriedade do dono da biblioteca. A composição, em estilo de xilogravura do início do século XX, mostra um navio no mar, gaivotas e uma paisagem com moinho e casa rural, símbolos ligados ao litoral, às viagens e à tradição da terra. O termo “alfolí” era usado na Espanha para designar antigos armazéns de grãos, sugerindo que o proprietário tinha vínculos com uma região histórica ou marítima.



Ex-libris M. Vargas Netto

Ex-libris de **M. Vargas Netto**, obra de influência simbolista e Art Nouveau, provavelmente produzida entre 1910 e 1935. A imagem apresenta um coração flechado oferecido por uma mão feminina, acompanhado da frase “Amai-me que bendita é a amargura”, expressão romântica ligada ao amor-sacrifício. A composição revela um leitor de forte sensibilidade literária e refinamento estético, possivelmente pertencente a círculos intelectuais brasileiros do início do século XX.

Tudo indica que o proprietário do ex-libris M. Vargas Netto provavelmente é Manuel do Nascimento Vargas Netto (1903–1977), poeta e jornalista brasileiro, de origem gaúcha, pertencente a círculos literários e culturais.



Ex-libris de João Antonio Rosa

O ex-libris de João Antonio Rosa apresenta o lema latino "Pro Patria Semper" ("Sempre pela pátria"), indicando o perfil de um leitor ligado a ideais nacionalistas e ao sentimento de pertencimento. A cena central retrata uma pequena vila portuguesa com igreja e construções típicas, símbolo de tradição, memória e identidade cultura.

Com composição clara e traços que remetem às técnicas de gravura usuais no início do século XX, a peça combina estética e simbolismo. Embora pouco se saiba sobre João Antonio Rosa, o ex-libris revela um leitor que valorizava patrimônio, raízes e história, transformando sua marca de propriedade em afirmação pessoal e ideológica.



Fini-libris de João Antônio Rosa

O fini-libris de João Antonio Rosa foi identificado como uma marca impressa no verso da contracapa — conforme observa Stella Maris Bertinazzo, o fini-libris é, em essência, um ex-libris, porém com a diferença de que se aplica especificamente ao verso da contracapa, sendo compatível com a presença simultânea de um ex-libris convencional na obra. Ainda que poucos detalhes sobre a origem do proprietário sejam conhecidos, esta peça aponta para o universo português de bibliófilos e colecionadores, e representa uma faceta ainda pouco estudada das práticas de marcação de propriedade bibliográfica em Portugal.

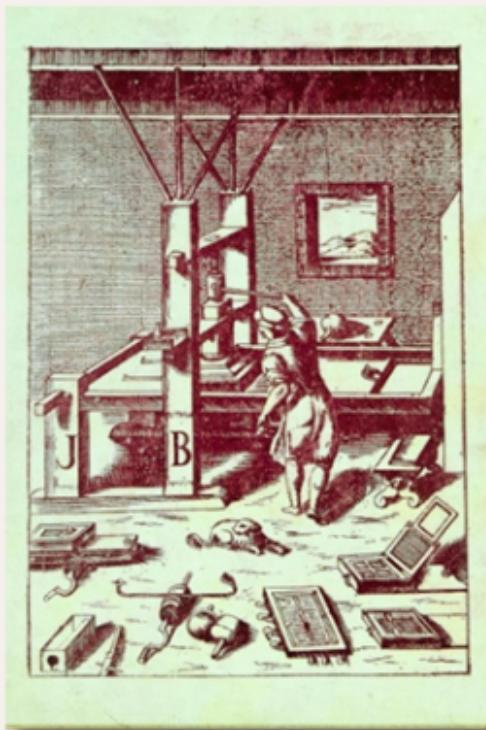


Ex-libris de Alvaro Moreyra

O ex-líbris apresentado pertenceu ao escritor, jornalista e dramaturgo **Álvaro Moreyra** (1888–1964), figura marcante da literatura e do teatro modernista brasileiro. Seu design é simples e elegante: apenas o nome do proprietário — ALVARO MOREYRA — aparece em letras maiúsculas de traçado geométrico, cercado por uma moldura decorativa e fundo texturizado formado por linhas sinuosas.

Embora este exemplar não traga informações sobre quem o criou, sua composição revela um estilo artesanal e moderno, coerente com o espírito inovador de Moreyra. O uso dos três sinais ondulados (~) ao final do nome pode ser interpretado como uma referência simbólica ao mar, elemento poético recorrente na obra do autor, ou como um recurso gráfico modernista que sugere movimento e liberdade formal.

Além deste ex-líbris de autoria desconhecida, Álvaro Moreyra também possuía outros ex-líbris criados por grandes artistas brasileiros, entre eles Di Cavalcanti e Fernando Correia Dias, o que evidencia o prestígio cultural e as conexões artísticas do escritor com nomes fundamentais do modernismo nacional.



Ex-libris sem identificação

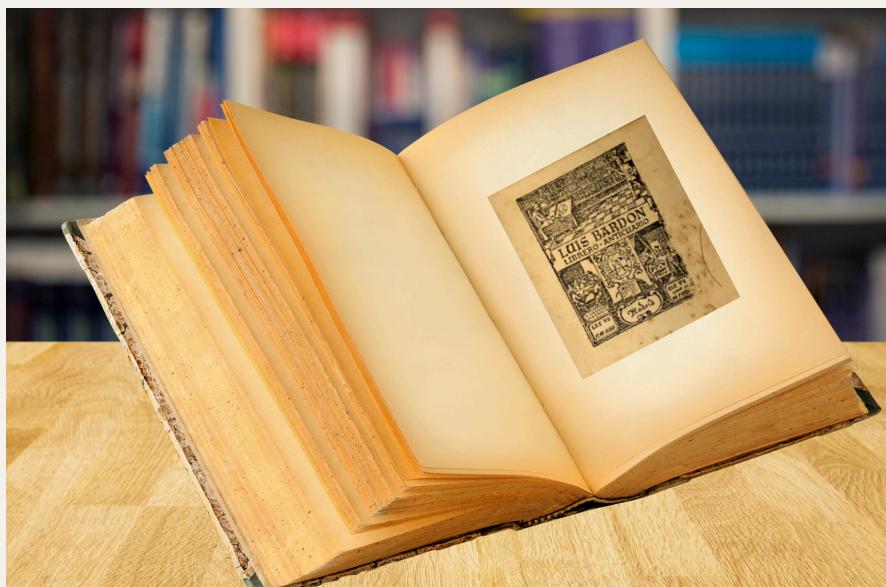
Não foi possível identificar o antigo proprietário desse ex-líbris, mas sabemos quem realizou a ilustração. A imagem, datada de 1607 e representando uma tipografia de impressão de livros, é de autoria de Vittorio Zonca — engenheiro e escritor italiano responsável pela obra Teatro de Máquinas (*Novo Theatro di Machine et Edificii*, 1607). O livro foi publicado em Pádua quatro anos após sua morte e reúne diversas gravuras de engenhos e dispositivos técnicos.

Novas descobertas ex-libristas

Após a live, novos ex-líbris vieram à tona, ampliando ainda mais o conjunto de exemplares apresentados. Essas descobertas revelam a riqueza e a diversidade das marcas de posse que atravessam diferentes épocas, estilos e contextos culturais.

Entre eles estão criações de artistas reconhecidos, como Alberto Lima, e exemplares ligados a nomes notáveis como o filólogo Antenor Nascentes, o livreiro espanhol Luis Bardón, o professor Hugo Albert Rennert e o militar Jonas Correia. Há também um ex-líbris anônimo, de composição elegante e arquitetônica, que guarda o mistério de sua origem.

Esses novos achados reforçam como o universo ex-librista continua se revelando aos poucos, em cada pesquisa e reencontro com livros antigos. Cada marca de posse é uma pequena narrativa visual, testemunho da relação entre leitores, artistas e suas bibliotecas.



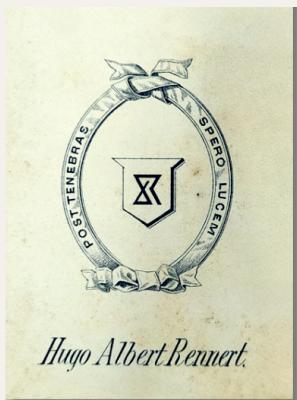


Ex-libris de Jonas Correia

Este ex-líbris pertenceu a **Jonas Correia** e reflete de forma marcante a identidade militar e o ideal de disciplina, estudo e honra associados ao Colégio Militar do Rio de Janeiro. A obra foi criada em 1956 pelo artista Valmik ou Valmick.

Impressa em tom azul, a imagem apresenta uma composição equilibrada entre símbolos da inteligência e da bravura. No centro, vê-se a fachada do Colégio Militar, emoldurada pela estrela e pelo emblema da instituição, ressaltando o orgulho de pertencer à tradição educacional e militar. Acima, o lema em latim “Labor Omnia Vincit” — “O trabalho tudo vence” sintetiza o espírito de esforço, disciplina e superação que norteia a formação dos alunos.

À esquerda, uma pena de escrever representa o saber, o estudo e a cultura; à direita, uma espada simboliza a coragem e a defesa da honra, elementos que se complementam na formação do caráter militar. No topo, a cruz com o brasão do Exército reforça o vínculo com a instituição nacional, e na base, o nome JONAS CORREIA aparece em destaque, afirmando a identidade do proprietário.



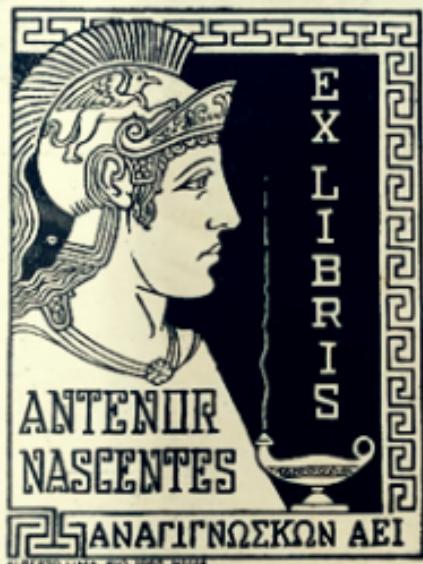
Ex-libris de Hugo Albert Rennert

Este ex-líbris pertenceu a **Hugo Albert Rennert** (1858–1927), renomado hispanista, crítico literário e professor norte-americano, amplamente reconhecido por seus estudos sobre o teatro espanhol do Século de Ouro e, em especial, sobre a obra de Lope de Vega. Nascido na Filadélfia, Rennert foi professor na University of Pennsylvania e membro de diversas instituições acadêmicas dedicadas à língua e à literatura hispânica. Sua obra mais célebre, *The Life of Lope de Vega* (1904), permanece uma referência fundamental nos estudos sobre o dramaturgo espanhol.

O ex-líbris de Rennert é de composição sóbria e simbólica, revelando o perfil erudito e clássico de seu proprietário. No centro, há um escudo simples com um monograma estilizado possivelmente formado pelas iniciais H e R encerrado por uma grinalda circular de fita, símbolo de honra e distinção.

Em torno do escudo, lê-se o lema em latim “POST TENEBRAS SPERO LUCEM”, que significa “Após as trevas, espero a luz”. Essa frase, de origem bíblica (inspirada em Jó 17:12), foi amplamente adotada como emblema humanista e também associada à Reforma Protestante, especialmente à cidade de Genebra. No contexto do ex-líbris, o lema expressa a busca pela luz do conhecimento após a ignorância, refletindo perfeitamente a vida intelectual e o compromisso de Rennert com o estudo e a verdade.

O nome “Hugo Albert Rennert”, elegantemente caligrafado abaixo da imagem, completa a composição com discrição e refinamento.



Ex-libris de Antenor Nascentes

Esse ex-líbris pertenceu ao filólogo, lexicógrafo e etimólogo **Antenor Nascentes** (1886–1972), uma das figuras mais importantes dos estudos linguísticos no Brasil. Nascido no Rio de Janeiro, foi professor do Colégio Pedro II e da Universidade do Brasil (atual UFRJ), e tornou-se referência nacional por suas pesquisas pioneiras sobre a língua portuguesa falada no Brasil. Entre suas obras mais conhecidas estão o Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa e o Dicionário de Regionalismos Brasileiros, que ajudaram a consolidar os estudos sobre a formação e as variações do português brasileiro.

O ex-líbris, criado pelo artista **Alberto Lima** em 1965, é uma composição de forte inspiração greco-romana, muito característica do estilo do artista. Ao centro, vê-se o perfil de Atena, deusa da sabedoria, das artes e da estratégia, símbolo ideal para um estudioso da linguagem. À direita, uma lâmpada acesa — tradicional emblema do conhecimento reforça o sentido de iluminação intelectual.

A inscrição grega “ΑΝΑΓΙΓΝΩΣΚΩΝ ΑΕΙ” significa “sempre lendo” ou “aquele que lê sempre”, um lema que se alinha perfeitamente à trajetória de Nascentes como erudito e leitor incansável.

A moldura ornamentada com motivos geométricos em estilo grego e a assinatura “ALBERTO LIMA – RIO – 1965” completam o conjunto, demonstrando o rigor gráfico e o apreço pela simetria que caracterizam a produção de Lima.



Ex-libris de Luis Bardón López

Este ex-líbris pertenceu a Luis Bardón López, livreiro e antiquário de Madri, proprietário da tradicional Librería Bardón, fundada em 1947 e reconhecida como uma das mais prestigiadas livrarias de obras raras e antigas da Espanha. O ex-líbris foi criado em 1959 pelo artista Rafael Carcedo Medina, que produziu uma série de marcas de posse para bibliófilos e instituições espanholas.

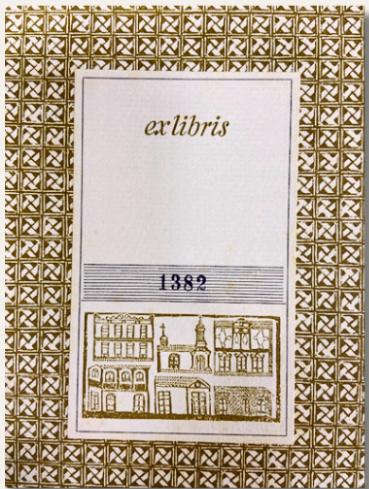
A composição apresenta uma rica cena bibliográfica e alegórica, em que a imagem é dividida em três registros. Na parte superior, observa-se um estudioso em sua biblioteca, lendo atentamente à luz natural, representação clássica da dedicação ao conhecimento e ao amor pelos livros. No plano inferior, à esquerda, outro personagem escreve, enquanto à direita alguém lê em voz alta, criando um diálogo visual entre os atos de ler, escrever e ouvir, pilares da tradição humanista.

No centro, o nome LUIS BARDON – LIBRERO ANTICUARIO aparece em destaque, rodeado por motivos ornamentais e por um livro aberto, símbolo universal da erudição. Abaixo, a palavra “Madrid” identifica a cidade onde se localiza a livraria.

Nas faixas inferiores, duas inscrições reforçam o espírito do colecionador e bibliófilo:

- “Lee y no arde” (“Lê e não arde”) — uma alusão à preservação do saber contra a destruição dos livros.
- “Que te lean si no puedes” (“Que te leiam se não podes”) — evocando a transmissão oral do conhecimento, mesmo quando a leitura direta não é possível.

O ex-líbris de Luis Bardón sintetiza, portanto, o ideal do livreiro-antiquário como guardião da cultura escrita, um homem rodeado de livros e dedicado à sua conservação e circulação. A obra de Rafael Carcedo Medina combina refinamento técnico e simbologia erudita, espelhando o ambiente culto e atemporal da livraria Bardón, que até hoje é um verdadeiro templo dos livros raros em Madri.



Ex-libris sem identificação

Este ex-líbris sem identificação apresenta um design minimalista e elegante, o que sugere que foi concebido como um modelo genérico ou de uso institucional, destinado a ser personalizado posteriormente.

A composição é dividida em duas partes: na porção superior, destaca-se a palavra "ex libris", impressa em uma tipografia clássica e refinada; abaixo, uma série de linhas horizontais que servem possivelmente como espaço para inserir o nome do dono ou o número de tombo do exemplar como indica o número manuscrito ou carimbado "1382", que pode se referir ao registro de uma coleção.

Na parte inferior, um pequeno vinhedo arquitetônico em tom dourado retrata fachadas de edifícios antigos: casas, igrejas e construções de estilo europeu que evocam a atmosfera de centros históricos e bibliotecas tradicionais. Esse detalhe visual sugere um vínculo com o patrimônio cultural e urbano, talvez remetendo à ideia de que os livros, assim como as cidades antigas, são depositários da memória coletiva.

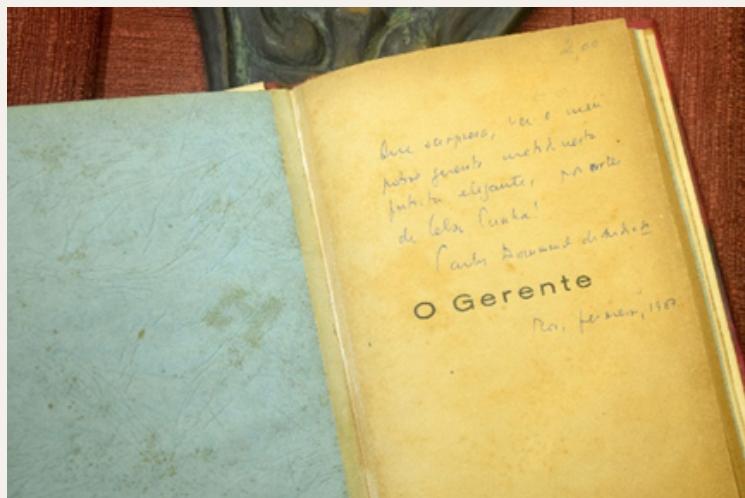
O fundo decorativo, formado por um padrão geométrico em dourado, confere sofisticação e reforça o caráter artesanal do impresso, comum em papéis de luxo usados por livreiros, encadernadores ou colecionadores na segunda metade do século XX.

As Dedicatórias como Fonte Histórica

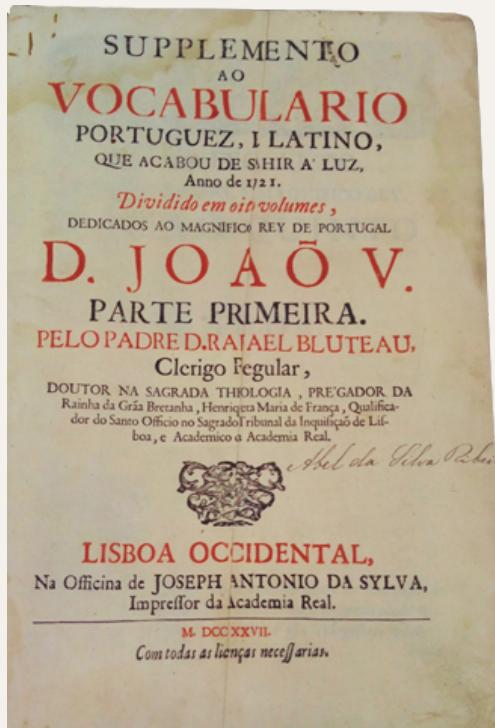
As dedicatórias do acervo confirmam o valor das marcas extrínsecas como fontes de pesquisa, permitindo acessar redes de sociabilidade, afetos e trocas intelectuais.

De acordo com Faria e Pericão (2008, p.224) as dedicatórias são: “nota de autor que precede o texto de um livro, na qual ele o oferece a um amigo ou protetor como sinal de estima, homenagem, amizade ou gratidão ou como agradecimento de patrocínio”. A seguir, apresentaremos algumas dedicatórias já identificadas na Coleção Celso Cunha.

Entre os exemplos destacados estão dedicatórias de Carlos Drummond de Andrade, feitas com humor e intimidade, e de Mário de Sá-Carneiro, poeta português da primeira geração modernista, datada de 1912, dirigida à redação do Jornal República.



Dedicatória de Carlos Drummond de Andrade a Celso Cunha, 1987.



Assinatura de Abel da Silva Ribeiro.

No exemplar do Supplemento ao Vocabulario Portuguez, e Latino, de autoria do padre Rafael Bluteau, impresso em Lisboa no ano de 1727, encontra-se a assinatura de Abel da Silva Ribeiro que foi médico português, arqueólogo e membro do Centro de Estudos de Linguística de Lisboa. Sabe-se que esta importante obra lexicográfica, publicada "na Officina de Joseph Antonio da Sylva, Impressor da Academia Real", esteve em posse de Abel da Silva Ribeiro antes de integrar a coleção do professor Celso Cunha, notável linguista e filólogo brasileiro.

Anotações, Marcas de Leitura e Outras Proveniências

Embora o professor fosse avesso a escrever em seus livros — fazendo apenas pequenas notas a lápis “para não enfeiar as páginas” — algumas obras contêm anotações e marcas de leitura.

vens, alto volume
ra bastante apro-
idas. Todavia, um
que se refere aos
Na Índia, a pes-
mamente individual;
nace a autores iso-
responsabilidade
amento e seus co-
or o salário, maior
administrativas e
episódicos os con-
ações com o exte-
balham em univer-
nte da organização
hierárquica, prin-
quele país, segundo

Na Índia
↓
Pesquisas
individual

Pág. 31 — — —

fato isolado, espon-
seu dicionário eti-

Pág. 57 — O
pausa. Daí os ver-

Pág. 59 — A
inicial, a de *sim*
por Cornu e Nune-

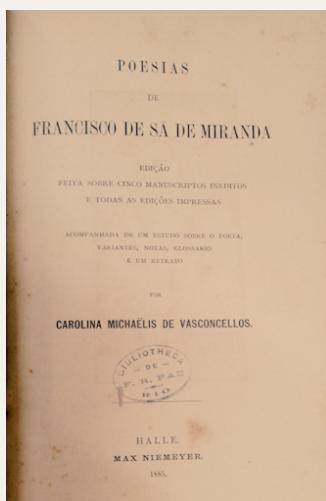
Pág. 60 — *Niv*
francês. A nasaliza-
tandade consta do

Pág. 81 — A ci

Marcas de leitura e anotações manuscritas.

Foram identificados carimbos, como o do bibliófilo Francisco Ramos Paz, cuja coleção foi parcialmente incorporada à Biblioteca Nacional. Um desses carimbos aparece na obra *Poesias de Francisco de Sá Miranda*, estudada por Carolina Michaëlis de Vasconcellos. Nascido em Viana do Castelo, Portugal (1838–1919), Ramos Paz colaborou com o Diário do Rio e dirigiu a Gazeta de Notícias. Sua biblioteca chegou à Biblioteca Nacional em três etapas: por doação do próprio bibliófilo (1897–1899), por doação de Arnaldo Guinle (1920) e por compra de uma coleção de autógrafos (1948). Na Coleção Celso Cunha ele assume o papel não de um carimbo com função de ex-libris mas a de uma marca de proveniência que indica sua origem antes de integrar o acervo da biblioteca do professor.

As marcas de proveniência da Coleção Celso Cunha abrem múltiplos caminhos de pesquisa e reafirmam o valor do acervo como patrimônio bibliográfico das Letras no Brasil. O estudo, ainda em desenvolvimento, busca ampliar a divulgação da coleção, valorizar sua história material e fortalecer sua preservação para futuras gerações.



Carimbo da Biblioteca de Francisco Ramos Paz.



Considerações Finais



Considerações Finais

Os ex-libris são marcas de posse ou de propriedade que podem ressignificar um acervo de uma instituição, assim como, as marcas de proveniências identificadas na coleção também o podem fazer. Algumas vezes, dependendo do contexto de seu aparecimento, essa função pode variar deixando de ser uma marca de propriedade para ser uma marca de proveniência dentro de uma coleção.

Podem representar a memória de seus antigos proprietários, refletir lugares, profissões, objetos e experiências vividas, constituindo-se como expressão da identidade, do contexto histórico e social de seus proprietários. Como foram demonstrados em parágrafos anteriores com a apresentação de alguns ex-libris da Coleção Celso Cunha.

A identificação dessas marcas nos acervos bibliográficos conforme já dito é fundamental para o conhecimento, preservação, valoração e difusão das coleções. O levantamento parcial do inventário das marcas de proveniência da Coleção Celso Cunha aqui apresentado, com destaque dado aos ex-libris, ainda se encontra em andamento sem previsão para sua conclusão.

Enfim, agradecemos a Caçadora de Ex-libris a oportunidade de dar conhecimento sobre a realização desse trabalho tão importante para o gerenciamento da coleção a seus seguidores através do seu canal. Registramos aqui o nosso agradecimento público ao relevante trabalho que tem sido feito por Mary Komatsu nos estudos dos ex-libris brasileiros.

Referências

Referências

BERTINAZZO, Stella Maris de Figueiredo. Ex libris: pequeno objeto do desejo. Brasília: Universidade de Brasília, 2012.

CELSO Ferreira da Cunha: biografia. Academia Brasileira de Letras. Disponível em:

<https://www.academia.org.br/academicos/celso-ferreira-da-cunha/biografia>. Acesso em: 10 de nov. 2025.

CELSO Cunha. Wikipedia, a enclopédia live. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Celso_Cunha. Acesso em: 10 de nov. 2025.

SILVA, Alberto da Costa e; MACIEL, Anselmo. Livro dos Ex-líbris. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; São Paulo: Imprensa Oficial, 2014.

SILVESTRE, M.C.R. Análise sobre a ocorrência de ex-libris no acervo bibliográfico raro da biblioteca Pedro Aleixo da Câmara dos Deputados. In: CAJUR – Caderno de Informações Jurídicas. v.4, n.1, 2017.

UFRJ. Faculdade de Letras.
Biblioteca José de Alencar

Av. Horácio Macedo, 2151 – Térreo –
Cidade Universitária – Ilha do Fundão
21949-917 Rio de Janeiro – RJ



ISBN: 978-65-01-85989-7

A standard linear barcode representing the ISBN number 978-65-01-85989-7.

9 786501 859897